



## O desejo secreto de Annika

Era a antevéspera de Natal.

Annika raspou alguns pedaços de cera endurecida da cornija da lareira. A sua cabeça estava cheia de sonhos sobre o Natal. Sonhos com arroz-doce. E com a amêndoa. Há dez anos que a esperava e agora só faltava um dia.

Um dia mais para desejar e sonhar.

O seu irmão Erik quebrou o silêncio ao bater no chão de madeira brilhante com um ioiô vermelho.

— O ioiô é meu — reclamou o pequeno Davy, fazendo menção de o agarrar com a muleta.

O gesto quase atingia as casinhas de gengibre que estavam em cima da mesa de café e derrubou dois homenzinhos gordos feitos dessa massa.

— Cuidado! — pediu Annika, indo em socorro das figurinhas.



Havia sinais de Natal em toda a casa. Uma estrela brilhava no topo da árvore e ramos de sempre-verdes emolduravam a lareira. Maçãs e nozes douradas pendiam em cachos de ramos de pinheiro. E por todo o lado havia velas, uma em cada janela.

Annika colocou uma caixa comprida e estreita nas mãos de Davy.

— Creio que isto te vai manter entretido.

O pequeno apressou-se a contar dez novos pavios.

Da cozinha vinha um cheiro a pãezinhos de açafrão recém-cozidos.

Davy inspirou o aroma tranquilizador e perguntou:

— Quando será que a Mamã vai cozinhar o arroz-doce para nós?

— Amanhã de manhã — respondeu Annika, alinhando as velas ao longo da cornija.

— Espero encontrar a amêndoa no arroz este ano — confessou Davy.

— Quem quer a amêndoa sou eu! — protestou Erik.

O benjamim sentou-se junto da lareira e, suspirando, disse:

— A prima Ingrid recebeu um novo par de raquetes de neve depois de lhe sair a amêndoa.

Annika endireitou um anjinho de palha na árvore, enquanto escutava e sonhava. Depois, sentou-se à lareira e acariciou os caracóis loiros do irmão.

— O Papá diz que é Deus quem nos concede os desejos. Mas não deixa de ser bom sonhar — sussurrou.

Davy apoiou-se nela, acenando com a cabeça e com um brilho intenso nos olhos.



☉ dia 24 de dezembro amanheceu com grinaldas de sol a embrulhar a neve natalícia. Annika correu para a janela e espreitou pelas cortinas. Havia pequenos montes brancos em cima de cada telhado, como se fossem fermento de pão.

— Qual é o meu desejo? — perguntou em voz alta. — Se encontrasse a amêndoa no meu arroz-doce, o que desejaria eu?

Os seus pensamentos deixaram-se levar por ideias doces e agradáveis: uma pilha de trufas coroadas com cacau, taças enormes de gelado de menta...

Com um profundo suspiro, Annika lembrou-se do seu desejo mais profundo e secreto.

Um pônei negro e corajoso. Um pônei que voasse como o vento.



Alguém tocou à porta da frente. Annika vestiu o seu roupão e foi abri-la de imediato.

Nos degraus nevados, um grupo de amigas da escola desejou-lhe “Feliz Natal!” em unísono, e ofereceu-lhe um prato de bolachas em forma de estrela.

— Feliz Natal para vocês também! — disse Annika, aceitando os doces. — Entrem e venham aquecer-se um pouco.

Erik entrou na sala, a esfregar os olhos sonolentos. Em seguida apareceu Davy, com a muleta debaixo do braço. Annika e as amigas reuniram-se em torno da árvore a admirar os ornamentos feitos à mão.

- Hoje é a noite do arroz-doce — disse ela com alegria.
- Não te esqueças da amêndoa — lembrou uma rapariga.
- Nunca a vi no meu arroz — queixou-se Erik.



Annika acenou em concordância:

- A amêndoa também nunca me apareceu — confessou. — Nunca.
- Eu tive direito a um desejo — contou uma das colegas. — Um gatinho amoroso.

Davy bebia cada uma daquelas palavras, enquanto se apoiava na muleta.

A mãe apareceu pouco depois.

- Feliz Natal para todas! — saudou, sorridente.

Em seguida, virando-se para Annika, disse:

- Preciso da tua ajuda agora, filha.

Annika despediu-se das amigas, que se foram embora banhadas ainda pelos raios do sol.

Uma vez na cozinha, ajudou a mãe a mexer o arroz a ferver. Fez figas com uma das mãos enquanto a mãe juntava natas à mistura. Por fim, uma única amêndoa foi adicionada.

“Faz com que este seja o meu ano, meu Deus,” pediu.



*N*essa noite, os parentes conversavam na sala de estar enquanto as velas brilhavam na cornija da lareira.

— Sejam bem-vindos ao nosso jantar — disse o pai de Annika, enquanto encaminhava a família para a cozinha, onde o presunto, a couve vermelha, o molho de maçã ácido e as salsichas doces estavam postas num aparador.

A mesa estava envolta num brilho acobreado e Davy, com um chapéu de elfo, foi o primeiro a sentar-se.

O pai rezou uma oração de ação de graças e depois espetou um garfo num pedaço de pão de centeio, que mergulhou em seguida numa cafeteira que continha aparas quentes de porco e salsicha.

Davy mexeu-se de forma impaciente:

— Por que razão fazemos isto todos os Natais? — perguntou a Annika.

— Porque é uma tradição sueca — sussurrou a irmã.

Um brilho de esperança perpassou pelos olhos do rapaz, que tremeu um pouco.

O festim começou com bacalhau, servido com batatas cozidas e molho branco. Os pés de Annika dançavam debaixo da mesa. Era-lhe difícil comer o peixe, porque os seus pensamentos estavam todos concentrados na amêndoa.



Chegou, finalmente, a vez do arroz-doce. Davy estremeceu, agarrado ao estômago.

— Sinto-me enjoado, Mamã — queixou-se.

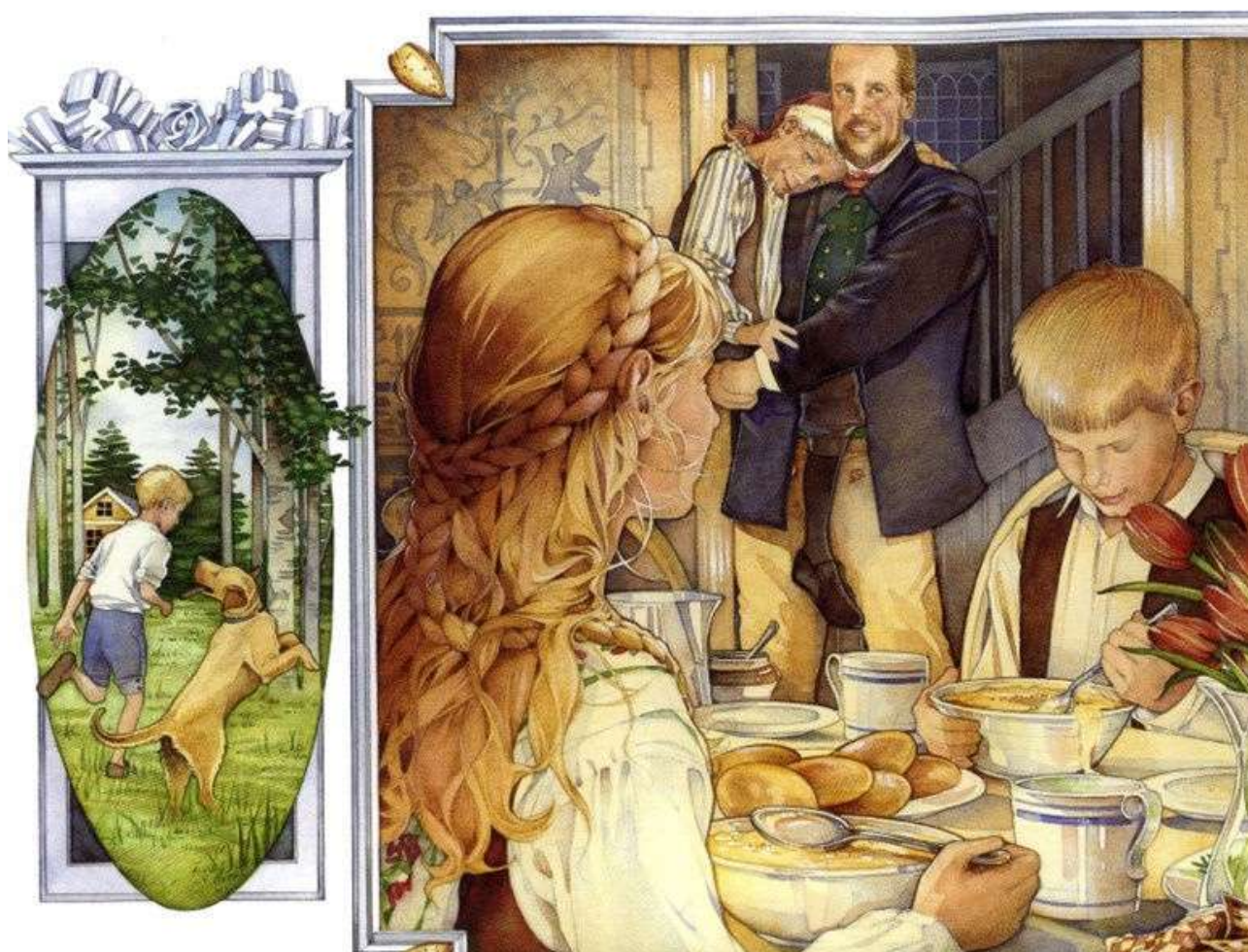
O pai pôs-se logo de pé e pegou nele ao colo. A mãe tranquilizou os convidados.

— O nosso filho está muito excitado, nada mais.

Annika observou atentamente a mesa, ao longo da qual os convidados conversavam sem cessar, enquanto passavam sobremesas. Ansiosa, bateu levemente com a colher de prata em cima da sua porção de arroz branco e quente. Foi então que ouviu um som vindo de uma saliência no meio da taça. Olhou-a mais de perto e viu que havia um relevo com a forma de uma amêndoa na taça que lhe tocara.

Do outro lado da mesa, Erik remexia o seu arroz em busca da amêndoa. Annika ia abrir a boca para anunciar a sua descoberta quando ouviu as passadas do pai no corredor, sobrepondo-se à voz tímida de Davy.

Com o coração a bater descompassado e a amêndoa tão perto de si, Annika fixou a taça e sentiu o desejo secreto a dar voltas na sua cabeça.



Os passos do pai tornaram-se mais audíveis e Annika viu que o irmão, de olhos arregalados e expectantes, continuava agarrado a ele.





Annika lutou para conter o seu sonho de um pônei preto e lustroso. “O que faria Davy mais feliz neste Natal?” interrogou-se. Como desejaria poder andar e correr sem uma muleta. De certeza que encontrar a amêndoa lhe traria alguma felicidade. Annika também pensou na sua felicidade ao correr pelo prado montada no seu pequeno pônei. “O que quereria Deus que eu fizesse?” perguntou-se.

A sua hesitação só durou alguns segundos. Sem que ninguém desse por isso, Annika a sua taça de sobremesa pela do irmão, mantendo a colher de prata em cima do arroz intocado.



O pai trouxe o filho e sentou-o. Pegando na colher, Davy mergulhou-a no arroz. O seu riso ecoou forte e verdadeiro.

— A amêndoa! Encontrei a amêndoa!

Annika bateu palmas tal como os outros convidados e arvorou um sorriso genuíno.

— Pede um desejo, querido — disse a mãe.

*T*odos olharam para Davy. Annika susteve a respiração, como se esse gesto ajudasse a realizar o sonho do irmão.

Com um gesto rápido, Davy ergueu a colher com a amêndoa bem acima do seu chapéu, deixando cair a muleta no chão.

— Desejo e rezo para que....

Embora o irmão falasse baixo, Annika ouviu o seu desejo e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Sabia que a amêndoa trazia sorrisos e gargalhadas, mas que apenas Deus poderia realizar um milagre.

Deu um abraço alegre a Davy e sentiu que talvez este fosse o ano dele...



Beverly Lewis  
*Annika's secret wish*  
Bloomington, Bethany House Publishers, 2000  
(Tradução e adaptação)